

- **Em busca da abonação escondida: datando palavras e expressões populares no início do séc. XX**



Juliana Bianchi Leone (FFLCH / USP – FAPESP)

Orientação: Prof. Dr. Mário Eduardo Viaro

Trajetos de hoje

- 1) Breve acordo terminológico para a Etimologia
- 2) Juó Bananére e o dialeto macarrônico
- 3) Observação dos metaplasmos utilizados
- 4) Datação de itens lexicais e cotejo com outros *corpora*
- 5) Amostragem de expressões populares encontradas.

Traçando os limites terminológicos

A partir dos critérios estabelecidos por Viaro (2011):

- Etimologia: ciência etimológica (p.25)
- etimologia: estudo etimológico de uma palavra ou de um elemento em formação (p.25)
- Étimo: a forma equivalente da mesma palavra, imediatamente anterior numa sincronia pretérita qualquer. (p.99)
- *Terminus a quo*: registro mais antigo de qualquer fenômeno linguístico em análise

Quem foi Juó Bananére?

- Pseudônimo de Alexandre Ribeiro Marcondes Machado (1892-1933), engenheiro da Escola Politécnica (USP), de origem interiorana. Escreveu entre 1911 e 1933 uma extensa obra macarrônica de variado gênero literário.
- “Ele apropriou-se do colorido e grotesco falar dos bairros cosmopolitas, onde o italiano recém-chegado se exprime numa algavaria que participa dos dois idiomas e, com essa linguagem, conseguem dizer coisas que muitas vezes eram vedadas aos que se exprimiam no vernáculo”. (*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 23 ago. 1933, p.2).

O que é Macarrônico?

- **O dialeto “bananerês”:** trata-se de um sistema lingüístico próprio criado da mescla estilizada do português brasileiro falado, dialeto caipira, italiano padrão e dialeto napolitano.
- **Valor histórico-fonético:** sua estilística tem como base a reprodução da fala em sua mais livre expressão, revelando certas formas de pronúncia que são ainda atualmente recorrentes.
- **Valor histórico-morfolexical:** sua liberdade diastrática permite a construção de novos vocábulos e a inserção precoce na escrita de alguns verbetes, tanto no âmbito semântico da tecnologia quanto pelo domínio de termos restritos à fala e às classes menos favorecidas.

Amostra da obra macarrônica de Juó Bananére

Ora (dizeis) ouvir estrelas! Certo
Perdeste o senso! “E eu vos direi, no
entanto,
Que, para ouvi-las muita vez desperto
E abro as janelas, pálido de espanto...

E conversamos toda noite, enquanto
A Via Láctea, como um pálio aberto,
Cintila. E, ao vir o sol, saudoso e em
pranto,
Inda as procuro pelo céu deserto.

Dizeis agora: “Tresloucado amigo!
Que conversas com elas? Que sentido
Tem o que dizes, quanto estão contigo?

E eu vos direi: “Amai para entendê-las!
Pois só quem ama pode ter ouvido
Capaz de ouvir e de entender estrelas”.
(Olavo Bilac)

Che scuitá stella né meia stella!
Vucê stá maluco! e io ti diró intanto,
Chi p'ra scuitalas muitas veiz livanto,
I vô dá una spiada na gianella.

I passo as notte acunversáno c'oella,
Inquanto chi as otra lá d'un ganto
Stó mi spiáno. I o sol come un
briglianto
Naçe. Óglio p'ru çeu: -- Cadê stella!?

Dizeis intó: -- Ó migno inlustro amigo!
O chi é chi as stella ti dizia
Quano illas viéro acunversá contigo?

E io ti diró: -- Studi p'ra intendel-a,
Pois só chi já studô Astrolomia,
É capaiz di intendê istas stella.
(Juó Bananére)

Funções dos Metaplasmos

As transformações realizadas por Juó Bananére apresentam, basicamente, quatro finalidades:

- 1 Capturar a oralidade do português coloquial pelo falante paulistano e caipira .
- 2 A italianização das palavras portuguesas.
- 3 O aportuguesamento das palavras italianas.
- 1 Uma brincadeira ortográfica com vistas à comicidade.

Os dados aqui apresentados, selecionados em uma cuidadosa triagem, pretendem ilustrar exclusivamente a primeira finalidade.

- Rotacismos da líquida /l/ encontram uma solução policausal para sua realização, visto que o macarrônico recebe influências fonológicas tanto do dialeto caipira quanto do napolitano. Exemplos de rotacismos no dialeto itálico: *scarfà* (scaldare), *fragiéllo* (flagello), *cristere* (clistere), *carma* (calma).
- Além disso, Bananére retrocede alguns fenômenos registrados por Amadeu Amaral, em *O Dialecto Caipira* (1920), como *emburuiá(r)* (*embrulhar*), *cravina* (*clavina*), *forgá(r)* (*folgar*), *inzempro*, *perarto*.

Rotacismos em Bananére

adiscurpe (1913)
afriçó (1913)
agradáver (1916)
amarvada (1913)
amurçá (1912)
anarfabeto (1913)
aparpó (1915)
arcançá (1915)
ardeia (1915)
argudó (1912)

Ditonguações em Bananère

luiz (1911)

braiz (1912)

virgia (1913)

gapaiz (1917)

cruiz (1912)

inveiz (1911)

vuceis (1913)

tipio (1913)

celestia (1913)

furmighia (1917)

faize (1913)

nois (1911)

- A datação desse fenômeno é essencial para a ampliação dos estudos diacrônicos do português coloquial das primeiras décadas do século XX.

- Amaral (1920) apresenta no estudo dialetológico algumas ditonguações de origem caipira: *bobícia*, *correição*, *eigreja*, *einês*, *endeiz*

Alçamentos em Bananére

istu (1911)

bunitigno (1912)

pobri (1914)

ómi (1914)

piqueno (1912)

cumigo (1912)

pichinigna (1911)

minina (1912)

bixu (1912)

vistido (1912)

sabitudo (1913)

pindurada (1913)

sintido (1913)

- Os alçamentos em sílabas pretônicas e postônicas realizados possuem, assim como o rotacismo, uma motivação policausal, visto que ocorre tanto no português brasileiro e dialeto caipira, como no dialeto napolitano.
- Exemplos de alçamento do napolitano: *sfullà* (sfollare), *capitulo* (capitolo), *canistro* (canestro), *piro* (pera), *riale* (reale), *cullucamènto* (collocamento), *nun* (non), *buriuso* (borioso).
- O alçamento é um fenômeno muito antigo na língua oral, contudo, Juó Bananére inova na medida em que *grafa* essa realização, elaborando por assim dizer uma espécie de alfabeto incipiente.

Afêreses em Bananère

- A aférese comprova o fato de que os metaplasmos realizados por Juó Bananère tem por base a reprodução do português brasileiro em sua expressão oral. Tal inovação antecede às correntes artísticas vigentes na época, de transformação da expressão literária, como o Modernismo.
- Juó Bananère é essencial ao retroagir formas aferéticas do dialeto caipira, que seriam registradas por Amaral em 1920 nos exemplos a seguir: *parece*, *magina*, *(ar)rependeu*, *(ar)ranca*, *(al)gibêra*, *lambique*.

cabava (1912)
sistimo (1912)
paxonado (1913)
niverso (1915)
bacaxi (1913)
té (até - 1911)
marella (1913)
cuntecê (1912)
liança (1914)
bissorvido (1913)
maginando (1911)

Monotongações em Bananère

- Fenômeno freqüente no português brasileiro, com mais intensidade no registro popular, e característico dos dialetos meridionais de Portugal, a monotongação é ainda hoje presente nos textos orais e, portanto, sua realização no macarrônico é essencial para a ampliação dos estudos históricos.
- Principais casos nos textos macarrônicos:
 - ou > o : que se generalizou na língua portuguesa
 - ei > i: antes de r, j, x, ch, muito comum nos dialetos meridionais portugueses.
 - ão > ó: típica do “bananerês”, ao reproduzir a adaptação do sotaque italiano aos fonemas do português.
 - monotongação geral em ditongos crescentes postônicos.

infança (1915)
fijó (1912)
scramô (1913)
abafô (1914)
brigô (1913)
dignero (1912)
otro (1911)
quexo (1914)
vassôra (1914)
troxa (1911)
xêro (1911)
bananère (1911)
xalera (1911)

- A apócope do morfema verbal -r, fenômeno do português brasileiro, e da líquida -l, realização provavelmente originária do dialeto caipira, são tendências igualmente reconhecidas por Amaral (1920) que registra formas como *percurá*, *maginá*, *espinhé(l)*, *carreadô(r)*, *rominhó(l)*, *arranchá*, *amolá*, entre outros exemplos.

Apócope em Bananère

amustrá (1913)
formidave (1915)
afazé (1911)
caí (caiu - 1911)
giurná (1912)
xamá (1911)
bombardiá
 (1914)
quizé (1912)
cavá (1912)
butá (1911)
squecê (1913)
nascê (1912)

Datação Lexical

- A grande liberdade lingüística de Juó Bananére permite a incorporação de palavras que estavam circunscritas à fala dos semi-letrados, portanto, com rara possibilidade de registro escrito, além de que, pelas transformações sociais, culturais e tecnológicas da época, o campo semântico de seu linguajar se amplifica.
- O Dicionário Houaiss, referência de datação das palavras portuguesas, apresenta certa imprecisão na inserção dos itens lexicais do início do século XX. Através dos textos macarrônicos, foi possível a especificação e mesmo a retroação da datação apresentada pelo dicionário.
- Ao total, foram abonadas mais de 250 palavras do Dicionário Houaiss pelo trabalho de cotejo com outros *corpora*. Aqui apresentaremos uma amostragem com 20 palavras.

Amostragem

- **Avacalhar**
- GMHP: (Houaiss: 1949; Corpus Bananére: avacaglia 1915; O Queixoso, n. 2, grifo nosso).
- Contextualização: “Ma, vurtano a vacca fria, cioé, ao Capitó, cunfesso che fiquê spantado, non vo avacagliamento du Xico Cunsegliéro, pur causa chi tanto é avacagliado un che si avacaglia p'ru ôtro, come o ôtro che si avacaglia p'ro un.”
- DF: Laranja-da-China (1928), de Antônio Castilho de Alcântara Machado D'Oliveira; grifo nosso.
- Contextualização: “O Capitão Melo me afirmou que não há parque europeu que se compare com este do Anhangabaú. - Exagero.. - Já vem você com a sua eterna mania de avacalhar o que é nosso!”

Amostragem

- **Barriguda**
- GMHP: (Houaiss: sem datação, ‘mulher prenha’; Corpus Bananére: *barrigudulas* 1911, ‘fêma prenha’; O Pirralho, n. 11, *grifo nosso*).
- Contextualização: “-- Mas li tenia un'altra bundade las egulas. Ellas, por causa chi son *barrigudulas*, se dexam pigá maior infirmazione sopra da a gente.”
- DF: *Os Igaranas* (1938), de Raimundo de Moraes; *grifo nosso*.
- Contextualização: “- Queira Deus não ande por aí rabo de saia, sussurrou o coronel. Não faz um mês boto levou p' ro fundo filha do cumpadre Malaquias, indo boiá lá em Santarém com a rapariga já meio barriguda.”

Amostragem

- Barulhada
- GMHP: (Houaiss: 1954; Corpus Bananére: *barugliada* 1913; O Pirralho, n. 75, *grifo nosso*).
- Contextualização: “Disposa, quano è mezzanotte in punto, caba tuttas *barugliada*.”
- DF: *Inocência* (1872), de Afonso de E. Taunay; *grifo nosso*.
- Contextualização: “Nem sequer Juque me ajudou.. pois estava deitado e dormindo.. Não é verdade, Sr. Pereira? --Veja, murmurava o mineiro, que barulhada faz ele com o tal aniceto.. ao menos, se fosse um animal grande!”

Amostragem

- Calzone
- GMHP: (Houaiss: 1945; Corpus Bananére: *calzoni* 1911; O Pirralho, n. 14, *grifo nosso*).
- Contextualização: “Intó faró un'altro impres timo di cinquantanove miglione, Com istu cinquantanove miglione, cumpraré cinquantanove intomobili, cinquanta nove xarute, cinquanta nove casake, cinquanta nove *calzoni*, cinquanta nove capitó, cinquanta nove caixa di fós fero, cinquantanove banane, cinquantanove gartuligna, cinquantanove bilheto p'ra futebóla”
- DF: item inexistente.

Amostragem

- Cavação
- GMHP: (Houaiss: séc. XX; Corpus Bananére: *cavação* 1913; O Pirralho, n. 74, *grifo nosso*).
- Contextualização: “*Cavação* chi sai p'ra culatrima”
- DF: *Prosa de circunstância* (c.1917), de Emílio de Menezes; *grifo nosso*.
- Contextualização: “- Tinta simpática? os jornais alemães não podem ser da mesma opinião. * O milionário Patiño fez doação de 30.000 pesos para as escavações arqueológicas que vão ser feitas no Peru. Se for alguma ” cavação ” é mais um que cai como um patinho!”

Amostragem

- Chaleira
- GMHP: (Houaiss: 1922 ‘que ou aquele que lisonjeia de modo interesseiro; adulator, chaleirista, puxa-saco’; Corpus Bananére: *xalére* 1911, O Pirralho, n.12, *grifo nosso*).
- Contextualização: “Inveiz, Signore Redattore, parecia piore dos corvo inzima a garniza. Quello disgraziato do capitó Rodolpho suzinho pigó tutto o bigo da *xalére*. O Alberto e Sosa co Villaboinhes butaro a mon sopra da a tampa. Os otro hermiste butaron o dedo inzime da *xalére*, ma inveiz o garonelo Piedade infio tutta a gabeza dentro o bigo. Uh! ma questo sabe fazé a xalerazione molte migliore do dottore Liopoldo di Freitas e. Into, gome io non podia pigá inzima a *xalére*, butei a mon sopra a *xalére* do o garonelo.”
- DF: acepção inexistente.
- A acepção do termo origina-se do seu emprego numa locução. “Pegar no bico da chaleira”, significa em muitos contextos nos textos macarrônicos, bajular alguém, significado exclusivo do português brasileiro.

Amostragem

- **Chefiar**
- GMHP: (Houaiss: 1939; Corpus Bananére *xefiá* 1916, O Queixoso, n.6, *grifo nosso*).
- Contextualização: “E chi pegava tutto o Maresciallo.../Nó, nó! non éra o Maresciallo nó!/Chi apagava o patto era a Naçó./ - Un xéfe sê partido a maginá/Chi tê arguna cósa p'ra *xefiá*!...”
- DF: *Fogo Morto* (1943), de José Lins do Rego; *grifo nosso*.
- Contextualização: “Vem aí o Coronel Rego Barros, é militar, é homem de dar razão a quem tem. Vai ser governador. Ladrão com ele é na cadeia. Dantas Barreto está em Pernambuco. Franco Ra-belo no Ceará. O Lula de Holanda devia chefiar o par-tido aqui no Pilar.”

Amostragem

- **Dialeto**
- GMHP: (Houaiss: 1942; Corpus Bananére: *dialetto* 1913; O Pirralho, n. 119 e O Gavroche, n.1, respectivamente, *grifo nosso*).
- Contextualização: “O Gorreia (Guinzigno) també scrive in *dialetto*, ma io non dó a pinió inzima d'elli pur causa che io non capisco o che illo scrive.”; “Fui o S pensero Guembé, quello uomino che té sempre a xaminé ingoppa a gabeza e també sabe piú di ventiquattro *dialetto* che mi t'e insignado ista roba.”
- DF: *Til* (1872), de José de Alencar; *grifo nosso*.
- Contextualização: “Depois arrancou do peito cavernoso a mesma toada do acalanto, cujas palavras truncava por forma que somente se percebia delas a sonância confusa e estranha. Dir-se-ia que ela cantava em algum dialeto africano, tão bárbara era a pronúncia com que se exprimia.”

Amostragem

- Esportivo
- GMHP: (Houaiss: 1924; Corpus Bananére *ispurtive* 1912, O Pirralho, n.48, *grifo nosso*).
- Contextualização: “Tambê o Xanteclerigo, o Centro *Isputive*, o Amancio Rodrigues, a Vida Moderna e o Laccaratto tenia di i p'ro Inferdo pur causa do gioco du bixo.”
- DF: *Dentro da noite* (1910), de João do Rio; *grifo nosso*.
- Contextualização: “Era a bela Irene de Souza que queria ser a boa, a humilde, a simpática, a talentosa Irene. A critica fora jantar a sua « vila » de Copacabana, onde Irene, ao nascer do sol, num regimen essencialmente esportivo, fazia duas horas de bicicleta e sessenta minutos de natação.”

Amostragem

- **Estilingue**
- GMHP: (Houaiss: 1928; Corpus Bananére: *stilingo* 1912, O Pirralho, n.37, *grifo nosso*).
- Contextualização: “D'Abax'o a ponte do viadutto era tutto gapino e tenia moltos passarigno che io iva tuttos dí di magná cidigno matá co *stilingo*.”
- DF: *Dôra, Doralina* (1975), de Rachel de Queirós; *grifo nosso*.
- Contextualização: “Parece que os netos da lavadeira eram uns pequenos bandidos, terrores da rua inteira. Roubavam madeira, matavam bichos de estilingue, diziam nome feio às pessoas de respeito..”

Amostragem

- Feiura
- GMHP: (Houaiss: 1918; Corpus Bananére: *fiúra* 1913, O Pirralho, n.96)
- Contextualização: “Is cuita! io sê chi vucê tê molta influenza nu "Piralhu" e intó come u "Piralhu" stá afazeno o goncurso di *fiúra* io queriva pidi a proteçó p'ra você pur causa de io agagná o primiére premio!...”
- DF: *O Tempo e o Vento* (Parte 3, Tomo 2) (1961), de Érico Verissimo; *grifo* nosso.
- Contextualização: “- Quando fico sòzinho contigo, acabo sempre fazendo-te confidências. Por que será? - Deve ser por causa de minha acolhedora presença bovina. Roque Bandeira enrola a palha. - Ou então desta feiúra que me torna uma espécie de marginal.”
- O termo só ocorre em textos brasileiros no *corpus* de Davies & Ferreira, acentuando ainda mais as diferenças entre ambas as línguas, o que torna nosso critério abonativo legítimo.

Amostragem

- **Filme**
- GMHP: (Houaiss: séc. XX; Corpus Bananére: 1912; O Pirralho, n.46, *grifo nosso*).
- Contextualização: “Disposa, quano fui di notte, fumos tuttos p'ro Cinema: □ □ io, o Capitó, o Garonello, a Juóquina mia molhére, o Beppino, a Gurmelligna, e o Ferri. O Capitó pagó una frigia p'ra noise. Aóra pigamos di ispiá as fita. Uh! ma che bunito a "Savoia *Firme*". Si signore! sempr'avanti Savoia!!...”
- DF: *Memorial de um Passageiro de Bonde* (1921), de Amadeu Amaral; *grifo nosso*.
- Contextualização: “Entretanto, não convém encorajar nos outros essas inclinações à clarividência. Nada tão inútil nem tão deletério como enxergar demais. Heráclides calou-se, com os olhos perdidos no **filme** que se desenrolava por fora do bonde.”

Amostragem

- Garoa
- GMHP: (Houaiss: sem datação, ‘indivíduo valentão’; Corpus Bananére: *garôa* 1912; O Pirralho, n.64, *grifo nosso*).
- Contextualização: “Di di lavora inda a secretaria du Guvernimo. Di notte fá o *garôa* giunto co Xiquigno, co Belizaro i co Jametello.”
- DF: item inexistente.
- Gíria da época para “indivíduo destemido”, sua datação é essencial para a descrição do português brasileiro das primeiras décadas do século XX. Como gíria, o item lexical dissolveu-se no tempo, o que pode justificar a ausência de ocorrências nos textos do *corpus* de Davies & Ferreira.

Amostragem

- **Gostosura**
- GMHP: (Houaiss: 1918; Corpus Bananére: *gustusura* 1912, O Pirralho, n.28, *grifo nosso*).
- Contextualização: “Che io gusté mais furo as banana. Uh! che *gustusura*; migliore da massana, migliore do macaroni.. uh! molto mais bó!”
- DF: *A Capital Federal* (1897), de Artur Azevedo; *grifo nosso*.
- Contextualização: “Vamo! (Sobe também) Sobe, Benvinda! (Quando Benvinda vai subindo, Figueiredo dá-lhe um pequeno beliscão no braço) Figueiredo - Adeus, gostosura! Benvinda - Ah! Seu assanhado!”
- A situação do excerto da peça teatral de Artur Azevedo é absolutamente coloquial, bem como sua linguagem. Em 1897 já se nota a apócope do -s final da desinência verbal de primeira pessoa no singular no presente do indicativo, fenômeno fonético que se mantém até os dias atuais. Outro fato muito curioso é o chamamento que a personagem Figueiredo utiliza para a mulher Benvinda: “gostosura” que, possivelmente, é o termo que pode ter originado “gostosa”, forma ousada de chamar uma moça atraente presente no português atual

Amostragem

- Gramofone
- GMHP: (Houaiss: 1923; Corpus Bananére *gramofone* 1915, O Pirralho, n.123, *grifo nosso*).
- Contextualização: “Até aparece che illo tê cano di *gramofone* nus óglio p'ra acaçá os alifantos chi anda avuano inzima dus ar.”
- DF: *A Alma Encantadora das Ruas* (1908), de João do Rio; *grifo nosso*.
- Contextualização: “Quando deu baixa, comprou um Gramofone para ganhar, como dizia, a vida na roça. Partiu para o Rio Bonito, alugou um salão e estava exatamente pregando um cartaz à porta, quando ouviu na casa fronteira tocar um gramofone muito mais aperfeiçoado que o seu. Era a musa da música decerto que o prevenia, desejava de evitar um confronto desagradável. Brito arrancou o cartaz, vendeu o Gramofone, agradeceu à musa e só com sua garganta veio triunfar nas bodegas do Rio.”
- A retroação pela datação DF oferece, além de uma precisão abonativa, uma informação histórico-cultural, pois vemos já a familiaridade que o autor utiliza o termo em 1908.

Amostragem

- **Prontidão**
- GMHP: (Houaiss: sem datação ‘falta de dinheiro’; Corpus Bananére *prontidó* 1914, O Pirralho, n.164, *grifo nosso*).
- Contextualização: “A *prontidó* é un fattimo chi a genti non tê né un tostó nu borço p'ra cumprá unas banana!”

- DF: *Dôra, Doralina* (1975), de Rachel de Queiroz; *grifo nosso*.
- Contextualização: “É o tira abria o jogo: - Imagine o amigo, o delegado deu ordem pra apertar os parafusos na contravenção, os jornais andam reclamando. E um homem assim na ameaça da prontidão, como eu, fica aflito pra cumprir ordem.. O fato é que a máquina custou mais de conto de réis, e eu só durmo descansado no dia em que liquidar de uma vez com o que falta.”
- Gíria muito comum nos primeiros decênios do século XX, especialmente em textos como canções populares e peças de teatro, a ocorrência da acepção é exclusivamente brasileira.

Amostragem

- **Rodinha**
- GMHP: (Houaiss: sem datação ‘grupo, panelinha; Corpus Bananére: *rodinha* 1912, O Pirralho, n.69, *grifo nosso*).
- Contextualização: “Aòra io raconto che illo é tambè da *rodinha* do Didi, co Belizario, co Cezara, i prontto, giá divignaro chi é!”
- DF: *O Mulato* (1881), de Aluísio Azevedo; *grifo nosso*.
- Contextualização: “Nos sábados de Aleluia era o seu luxo queimar um judas defronte da casa; não perdia fogo de vista nas festas de arraial e sabia fazer bichinhas, carretilhas e foguetes. Apresentaram-se também, fora da rodinha do costume, dois novos convidados”

Amostragem

- **Sensacional**
- GMHP: (Houaiss: 1924 'fora de série, maravilhoso, espetacular'; Corpus Bananére: *sensazionale* 1914, O Pirralho, n.127, *grifo nosso*).
- Contextualização: “Una notizia *sensazionale* incirgoló onti na città desd'a manhã, cos giornali matorino. Di tuttas parti, os piqueno venditore dus giornali gridavano: -Oglia o S tá, o Curreu, o Cumerço i o "Rigalegio". O rapitto do Maresciallo.”
- DF: *No País dos Ianques* (1894), de Adolfo Caminha; *grifo nosso*.
- Contextualização: “Era quase noite quando parou o último carro, e corremos logo à tal "maravilha" que o diplomata recomendara. Aqui têm os aquarelistas motivo sensacional para uma tela rembrantesca.”

Amostragem

- **Suíte**
- (Houaiss: 1942 ‘ato de ir embora, de desaparecer das vistas; retirada, fora’; Corpus Bananére: *suito* 1915, O Pirralho, n.182, *grifo nosso*).
- Contextualização: “Altrodí tuttos giornalo impubricáro um tiligrammo du Rio dizéno che o Mareciallo anda indiguimado con o “*suito*” chi o pissoalo déro n'elli disposa che illo sai da prizidenza.”
- DF: *O Tipo Brasileiro* (1872), de Joaquim José da França Júnior; *grifo nosso*.
- Contextualização: “Henrique - Non é pris que sóbe cô balon a uma certe altura; fica lá parade, e esperra que o Chine passe. Quando vosmecê aviste o Chine desce tout de suíte, e assim em muito pouco tempo pode viajar tout lê monde.”
- O Dicionário Houaiss faz a observação a respeito desta acepção da palavra suíte: “empregado apenas na locução *dar o suíte*”, como é o caso da utilização contextualizada acima. A datação do termo muitas vezes vem acompanhada de elementos sintáticos, tomando a datação relativa não somente à acepção, mas à expressão que cristalizou este traço semântico. Quanto ao *corpus* DF, em nenhum dos contextos (que eram somente brasileiros), apareceu a acepção de “fuga”, contudo, o trecho mais antigo nos mostra, com a inserção de muitas expressões francesas como era comum no século XIX, a origem da acepção numa obra popular brasileira. A datação do termo, contudo, será a abonação GMHP, pois é a primeira ocorrência abasileirada do termo e, portanto, justificável em sua abonação.

Retroação das expressões idiomáticas

* * *

Pequena amostragem: 40 exemplos das 472
expressões idiomáticas registradas em apenas
7 anos de publicação bananeresca

Amostragem

- Exemplos de expressões a serem retroagidas:
- “un uomo pichinigno che tenia lá, co'a gabeza pilada che né u pinto che cai nu milado”
- O tavisimo é una robba che fiz u padre e chi apaga u patu é u figlio.“
- O Jota Jota tenia os cabelo di pé por causa da curiositá.
- Ista piquena só piore do Capitó p'ra fazê as fita.
- Ma disposa elli ficó c'um brutto medo che o suo padro che si xamavo Juó uguali come io, si dexavo mandá puxá as ureglia p'ra illo
- ma o minho avô surtô os caxorro brabo atraiz delli. Aora o Hermeze da Funzega disgambô uguali como si tenia a vacca braba.
- Óglia a zorte grante corre genti.
- Eh! Vurtulino! come vá ista forza?
- Intó mi subi o sangue inda a gabeza e io non inxerguê mais e nada!
- Stava xuveno p'ra burro. A noita stava scura chi a genti non inscergava né dois dedo adiante du narisí.
- *Nota da Redaçó* - Chi nunca cumê melado quano comi s'inlambusa.

Amostragem

- Ma quano illo pigô di cantá traveiz uno pissoale malindugato che stavo nu camarotte pigáro di **dá as patada** nu mio patrizio.
- Eh! porca miseria! pode **dá patada** nos turcoses che io non s'importo! ma c'um intaliano non póde che io já **faccio a sbornia**,
- P'ra genti non gai imbax'ó os bonde né imbax'ó intomobile do Guglielmo Prata tê di si vassigná da bixiga i non **butá os pé** na rua **nè di bringadera**.
- Illo non dá **satisfaço** p'ra niniguê ! Oggi si che io **enxó a panza!**
- Intó illo venía **xurano chi né o bizerro dismamoto**.
- Tá bó, **non vamos amatá a grianzinha antes di nascê, vá!**
- Altrodi un uomino molto aguia si dixó **pigá un brutto gonto do vigaro** no outro.
- *Non dexe scappa! Métti o páuo!*
- Intó un uómo chi té scritto un libro indecente uguali come a condessa Armignia, té curaggio di **buttá o naris i p'ra fóra?**
- Intó io che non sô **troxa p'ra burro, fiquê c'oa purga atraiz da**

Amostragem

- Vá molto bê sí zignore. Os turco stò apagnano chi né gaxorro sê dono.
- -Ebbê! aóra io vó, ma primière vuceis vó vê se io stó alli inda a squina!
- Ma, cunformo dize a regola, “chi mexi cum burro, tê pirighio di levá un brutto goiçe”
- Tambê chi mandô io sê troxa!
- Tambê as veiz, quano un soggetto principia di amolá a genti, a genti dize p’ra illo: - “Vá amolá o boio, vá sô indisgraziato!”
- Tuttos istus pidacigno, gadauno mandava nu suo narisi sê dá satisfaçó p’ra ningué.
- Vá vucê tambà p’ru diabolo che ti acarregue!
- Si vuceis non gala a bocca io mando butá tuttós nu xadreiz.
- Intó fiquemos na brutta farra té as quattro da manhã i cabô a storia intrô c’uma porta i sai c’oa otra. Chi quizé conte otra.
- Vuceis non penze che io só u Filisbino chi vuceis insgugliamba i nu fin inda dá n’elli! Cumigo é novo du baraglio véglío. Veja là che io só gaboculo iscovado!...

Amostragem

- As nuíça cuntava che d'inzima a fabbrica di gartuxo du Rigalegio fui arubado o ritratto du Hermeze. lo **gaí** mediatamenti p'ra **traiz** com treiz **attaco di faniquito**.
- O livrabitro é una storia chi a genti **faiz cunformo dá inzima o narizi** da a genti.
- Aóra **non podi maise né abri a bocca** chi já vê u surdado i prendi a genti sê dá insatisfaçó
- S 'imagine che illo stavo cumpretamente **pelladigno uguali come Adó** **quano vignó pr'o o mondo...**
- Apparece até chi illo stá pinsano chi té u **rê na barrigula**, aquilo **figlio da máia!**
- Ma o Oxinton chi non **tê medo di garetta /Quano vi a cosa preta /** **Mandô cumprá uns gagnó /O Dudú pobri goitado /Apparicia un con sê** **dono /I u Hermeze goitadigno /Gaiu come un patigno /Goitadigna da** **Naçó /Gaiu na boca du lió**
- O Beppino per esempio, é molto bó rapaze, ma quano **stá nu pórre**, é un perighio chi a genti **non podi né ogliá p'ra elli**.
- Só nu distrittimo da Gonçolaçó io vi c'o istus **óglio chi a terra á di** **cumê**, os inlettore buttá vintemilla voto p'ra mi

Amostragem

- É aquillo Cicero chi fui disputado inzima di Roma nu tempo che si marrava gaxorro con linguiza, che io parlo!
- Intó, tanto pruvocáro, tanto pruvocáro che a Francia deu o brutto strilimo i pigáro una brighia indisgraziata, ma a Intalia che non é troxa né nada, tirô o corpo i dexó a Lemagna c'oa Astria sosigna nu imbroglio. Ma illas, assí che viro che a intalia deu u fóra, pigáro di mandá biglietinho...
- Disposa di tê stado durante tutto istu tempo o cumpagnêro inseparaver "Dus splendore i miseria du Piralhu" s'incontrê de repetimo na brigaçó di dá u fóra n'elli, pur causa che disposa di tê...
- Artigo I - Tutta genti che non fô intelligenti leva na gabeza.
- Tambê una tale Maria Carmella, pur causa dus disgostimo da vita, arisorvé di si amatá, ingerino una lata di carolina. Xamada a çistenza, cumparecê o dott. Lacarato, chi mandô illa lambê sabô. Illa lambê i sarô.
- se illo accetá io non bulo maise c'oelli, ma si illo non accetá, macaco mi lamba se io non insgugliambá c'oelli...
- Fui, perché contro a voluntá di tutta a genti stava a voluntá di Deuse, chi quano dize una cósa é alli no duro! Tê di sê né chi xova ganivete!

Amostragem (cotejo)

- Quebrar a cara
- Bananére: "Questo suo griato só te paura de duas cosa: di quello maggiore chi **quebra a gara a gente**" (1912)
- Books Google: *O monasticon*, Volume 3, Edição 2 (1848), de Alexandre Herculano
- “Querem vocês ir para o meio do inferno? Raios me partam, se não não **quebro a cara a um!**”

Amostragem (cotejo)

- Prestar para nada
- Bananére: "só sabe da vendé o sabulete e a butuadura e os cigarro chi *non presta né p'ra nada*" (1911)
- Books Google:
 - 1) *A Dictionary of the Portuguese and English Languages* , in Two Parts, Volume 2 (1813), por Antonio Vieyra e J. P. Aillaud
 - Out-cast: adj. rejeitado, lançado pra for a por não prestar para nada; item desterrado.
 - 2) *Diccionario da língua portuguesa* (1813), por Antonio de Moraes da Silva
 - PEIXE: s.m. animal, que vive, e se cria na água, com escama, ou sem ellas, com barbatanas para nadar, guelras, espinhas. &c. Ser peixe podre: não prestar pra nada.

Amostragem (cotejo)

- Pegar no bico da chaleira
- Bananére: "a Gurmeligna mi dexô pigá no biquinho da xalere e intó io dixé.
- Books Google:
- O fabuloso Patrocínio Filho (1957), de Raimundo Guimamrães Filho:
- “Na gíria da época, pegar no bico da chaleira era o mesmo que bajular. O chaleirista era o puxa de hoje...”

Amostragem (cotejo)

- Ir plantar batata
- Bananére: "Chi non si acunfurmá con istas indisposiçó, vá prantá batata!" (1912)
- Books Google:
- *Lembranças de José Antônio* (1848), de José Antônio Frederico da Silva
- Continuava a fallar-te/ Por ti sempre andei às gatas... / E tu sempre me dizendo/ **Ora vá plantar batatas!**
- Um dia aflicto bradei-te :/ "Ingrata, vê que me matas!" / Com fúria me respondeste:/ **Ora vá plantar batatas!**

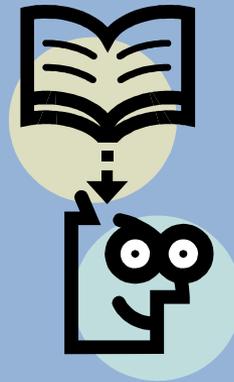
Considerações Finais

- A análise dos fenômenos fonéticos apresentados permitiu notar que certos processos de transformação fonológica do português falado coloquial, grafados em um texto pré-modernista, refletem processos da fala que perduram até o português atual.
- Tal constatação confere um valor documental histórico-lingüístico aos textos macarrônicos de Juó Bananére, que se tornam essenciais para os estudos da diversidade da língua portuguesa e base para a reconstrução tanto do português paulista como do português brasileiro no início do século XX.

Referências Bibliográficas

- AMARAL, Amadeu. *O Dialeto Caipira*. São Paulo: O Livro, 1920.
- ANDRADE, Ana P. F. *Juó Bananére: verve, litteratura, futurismo, cavaçó ecc. ecc. – reunião e indexação de textos macarrônicos publicados de 1911 a 1933*. 1999, 2 vol.
- AMATO, B., PARDO A. *Dizionario Napoletano – Italiano/ Italiano – Napoletano*. Antonio Avallardi Edizione, 1997.
- ANTUNES, Benedito. *Juó Bananére: as Cartas d' Abax' o Pigues*. São Paulo: Unesp, 1998.
- CAPELA, Carlos E.S. *Juó Bananére: irrisor, irrisório*. São Paulo: Edusp, 2009.
- FIERRO, Aurelio. *Grammatica della lengua napoletana*. Milano: Rusconi, 1995.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M (Org.). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva/ Instituto Antônio Houaiss, 2001.
- VIARO, Mário E. *Etimologia*. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Área de Filologia e Língua Portuguesa



Agradecimentos: FAPESP; GMHP; ouvintes aqui presentes.

GMHP – Grupo de Morfologia História do Português

<http://www.usp.br/gmhp>

Juliana Bianchi Leone: juliana.leone@usp.br